

William Golding

EM QUEDA LIVRE

Romance

Tradução de
Manuel Marques



D. QUIXOTE

1

Já passei por expositores no mercado, onde livros, com vértices vincados e o vermelhão das capas esbatido, irromperam em hossanas brancas. Vi pessoas coroadas com coroas duplas, a segurar em cada uma das mãos o báculo e a matraca, o poder e a glória. Compreendi como uma cicatriz se transforma em estrela¹, senti cair o floco do fogo, miraculoso e pentecostal. Os meus dias de ontem caminham comigo. Mantêm o passo certo e são rostos cinzentos que espreitam por sobre o meu ombro. Vivo em Paradise Hill, a dez minutos da estação e a trinta segundos do comércio e da povoação. Contudo, sou um diletante ardente, dilacerado pelo irracional e pelo incoerente, numa busca violenta e condenado por mim mesmo.

Quando foi que perdi a minha liberdade? Em tempos fui livre. Tive o poder de decidir. A mecânica da causa e do efeito é uma probabilidade estatística e, não obstante, por vezes actuamos indubitavelmente abaixo ou acima desse limiar. O livre-arbítrio não pode ser discutido, apenas sentido, como uma cor ou o sabor das batatas. Recordo-me de uma dessas experiências. Eu era muito pequeno e estava sentado no rebordo de pedra do lago e da fonte, no meio do parque. O sol brilhava e havia canteiros de flores encarnadas e azuis e relvados verdejantes. Não existia culpa, apenas o chapinhar da água na fonte do centro. Eu banhara-me e bebera e agora estava sentado na pedra quente, a meditar placidamente no que iria fazer a seguir. Os carreiros de gravilha do jardim partiam radialmente de mim: e, subitamente, fui avassalado por um novo conhecimento. Poderia tomar o caminho que quisesse. Nada havia que me puxasse mais para um do que para os outros. Lancei-me saltitante por um, a desfrutar o sabor das batatas. Era livre. Escolhera.

Como foi que perdi a minha liberdade? Tenho de voltar atrás e contar toda a história. É uma história curiosa, não tanto pelos acontecimentos

¹ Trocadilho entre *scar* (cicatriz) e *star* (estrela). (*N. do T.*)

em si, que são bastante vulgares, mas pelo modo como se me apresenta a mim, o único narrador. É que o tempo não pode ser assente de forma linear como uma fiada de tijolos. Essa linha recta, desde o primeiro solução até ao último suspiro, é uma coisa morta. O tempo existe de dois modos. Um é uma percepção espontânea, tão natural em nós como a água para a cavala. O outro é uma memória, o sentimento confuso de dobras e espirais, de determinado dia estar mais próximo do que outro por ser mais importante, de aquele acontecimento reflectir este, ou de aqueles três se destacarem por serem excepcionais e completamente desalinados do tempo rectilíneo. Coloco o dia no parque como o primeiro da minha história, não porque fosse jovem – quase ainda bebé –, mas porque a liberdade se tornou cada vez mais preciosa para mim, visto saborear a batata com uma frequência cada vez menor.

Pendurei todos os sistemas na parede, como uma fileira de chapéus sem uso. Não se ajustam. Vêm de fora, são padrões propostos, alguns sem interesse e outros muito belos. Porém, vivi já o suficiente da minha vida para exigir um padrão que se adapte a tudo o que sei; e onde encontrarei tal coisa? Por que estou então a escrever isto? Será de um padrão que ando em busca? Aquele chapéu marxista a meio do percurso: terei alguma vez acreditado que me ia durar para o resto da vida? Qual será o problema do barrete cristão que praticamente não usei? O chapéu racionalista do Diabo sempre protegeu da chuva, parecia uma armadura inexpugnável, forte e decente. Agora parece pequeno e bastante ridículo, um chapéu de coco como todos os outros, muito formal. Muito completo e muito ignorante. Há também um boné escolar. Julgo que mal o tinha pendurado ali, sem saber que outros chapéus havia de pendurar junto dele, quando aquilo aconteceu – a decisão livremente tomada que me custou a minha liberdade.

Porque é que me hei-de preocupar com chapéus? Sou um artista. Posso usar o que me apetecer. Já ouviram falar de mim, Samuel Mountjoy, estou representado na Tate. Em mim, qualquer chapéu seria desculpável. Eu podia ser um canibal. Mas quero usar um chapéu em privado. Quero compreender. Os rostos cinzentos espreitam por sobre o meu ombro. Nada pode eliminá-los ou exorcizá-los. A minha arte não me basta. Que vá para o inferno. O ímpeto arranca-me de um poço profundo, tal como a compulsão pelo sexo, e outras pessoas gostam mais das minhas pinturas do

que eu, atribuem-lhes mais importância. No fundo do coração, sou um cão estúpido. Mais depressa seria bom do que esperto.

Por que estou então a escrever isto? Porque é que não passeio em círculos pelo relvado, a reorganizar as minhas memórias até que façam sentido, a desenhencilhar e a tricotar o fluxo flexível do tempo? Poderia associar este e aquele evento, poderia dar saltos. Deveria encontrar um sistema para aquela circularidade da relva e depois mais um para o dia seguinte. Porém, pensar em volta do relvado já não é suficiente. Numa coisa é semelhante ao rectângulo da tela, uma área limitada, por mais engenho que se tenha a pintar. O espírito nem sequer consegue abarcar mais do que isso; mas compreender exige uma amplitude que integre todo o tempo recordado e possa depois fazer uma pausa. Talvez se eu escrever a minha história tal como se me apresenta possa recuar e escolher. Viver não se assemelha a nada porque é tudo – é demasiado subtil e abundante para o pensamento desamparado. Pintar é como uma atitude isolada, uma coisa seleccionada.

Existe uma outra razão. Somos mudos e cegos e, contudo, temos de ver e falar. Não o rosto hirsuto de Sammy Mountjoy, os lábios cheios que se abrem para deixar a mão recolher um cigarro, não os músculos lisos e húmidos por trás de dentes redondos, não a garganta, o pulmão, o coração – esses poderiam ser vistos e tocados se se procurassem com uma faca na mesa de dissecação. É a escuridão inominável, imperscrutável e invisível que existe no centro dele, sempre desperta, sempre diferente daquilo que se acredita ser, sempre a pensar e a sentir o que nunca se pode saber que pensa e sente, que espera desesperadamente compreender e ser compreendida. A nossa solidão não é a solidão do recluso ou do náufrago; é a solidão dessa coisa escura que vê por reflexão como na fornalha do átomo, sente por comando remoto e apenas escuta palavras que lhe são telefonadas numa língua estranha. Comunicar é a nossa paixão e o nosso desespero.

Com quem, então?

Convosco?

A minha escuridão projecta-se para fora e opera desajeitadamente a máquina de escrever com as suas tenazes. A vossa escuridão projecta-se com as vossas tenazes e agarra um livro. Existem vinte modalidades de troca, filtragem e tradução entre nós. Que extravagante coincidência seria se a qualidade exacta, a doçura translúcida da face dela, a curva verdadeiramente viva

de osso entre a sobancelha e o cabelo sobrevivesse à passagem! Como poderão partilhar a qualidade do meu terror na cela obscurecida, quando eu só consigo recordar-me dela e não recriá-la para mim mesmo? Não. Não convosco. Ou só convosco, em parte. Pois vós não estais aí.

E, afinal, quem sois? Estais no interior, tendes uma prova para revisão? Serei eu uma tarefa a cumprir? Exaspero-vos ao traduzir incoerência por incoerência? Talvez tenhais encontrado este livro num quiosque daqui a cinquenta anos, que é mais um agora. A luz de uma estrela alcança-nos milhões de anos depois de a estrela já ter desaparecido; pelo menos é o que dizem e talvez seja verdade. Que espécie de universo é esse em que a nossa escuridão central se mantém equilibrada?

Existe esta esperança. Posso comunicar parcialmente, o que é, sem dúvida, melhor do que a cegueira e mudez totais. E posso encontrar algo como um chapéu só meu para usar. Não que eu aspire à coerência total. O nosso erro consiste em confundir as nossas limitações com as fronteiras da possibilidade e em enfiarmos o universo num chapéu racionalista ou algo afim. Posso, porém, descobrir os indícios de um padrão que me inclua, mesmo que os bordos exteriores sejam remetidos para a ignorância. Quanto à comunicação, dizem que tudo compreender é tudo perdoar. Contudo, quem pode perdoar uma ofensa se não o ofendido? E se as linhas desse câmbio particular estiverem extintas?

Não sou responsável por alguns dos quadros. Lembro-me de mim mesmo tal como era em criança. Porém, mesmo que nessa altura tenha cometido um crime, já não devo sentir-me responsável por ele. Também aqui existe um limiar, para lá do qual o que fizemos foi feito por uma outra pessoa. Contudo, eu estive lá. Talvez o compreender deva também incluir imagens desses primeiros dias. Talvez, ao reler toda a minha história, eu consiga ver a ligação entre o rapazinho, límpido como a água da nascente, e o homem, como um charco estagnado. De algum modo, um tornou-se no outro.

Nunca conheci o meu pai e penso que a minha mãe também nunca o conheceu. Claro que não posso ter a certeza, mas inclino-me a crer que ela nunca o conheceu – pelo menos, não socialmente, a menos que retiremos todo o significado útil à palavra. Metade da minha ancestralidade imediata é tão inescrutável que raramente me parece valer a pena interessar-me por

ela. Eu existo. Estes dedos manchados pelo tabaco que vão pousando na máquina de escrever, este peso sobre a cadeira, garantem-me que duas pessoas se encontraram. E uma delas foi a minha mãe. Interrogo-me sobre o que pensaria a outra de mim? Que celebração é que eu comemoro? Em 1917 existiram vitórias e derrotas, houve uma revolução. Perante tudo isso, que significa mais um ou menos um bastardo? Seria esse outro um soldado, posteriormente desfeito em pedaços, ou teria sobrevivido e continuado, ido em frente, esquecido? Bem poderia estar orgulhoso de mim e da minha reputação florescente se soubesse. Posso já me ter cruzado com ele, rosto frente a rosto imperscrutável. Porém, não existiria o reconhecimento. Saberá dele tanto quanto sabe o vento ao virar as folhas de um livro sobre o muro de um pomar, o vento ignorante que não consegue decifrar as linhas de signos negros, tal como nós, estranhos, não conseguimos decifrar os rostos dos estranhos.

Contudo, eu fui acabado. Dou sinais de vida. Existo. Pairo dezoito polegadas acima dos signos negros que o leitor decifra, estou no seu lugar, estou trancado numa caixa de osso e a tentar fixar-me no papel branco. Os signos unem-nos e, não obstante toda a paixão, nada partilhamos a não ser o nosso sentimento de desunião. Para quê, então, pensar no meu pai? Que interesse pode ele ter?

Já a mãe era diferente. Ela possuía algum segredo, que talvez as vacas conhecessem, ou o gato no tapete, alguma qualidade que a tornava independente da compreensão. Ela ficava satisfeita com o contacto. Era a sua vida. O meu êxito não a impressionaria. Ficaria indiferente. No meu álbum privado de retratos, ela surge completa e conclusiva como um ponto final, parágrafo.

Em momentos ocasionais, quando me ocorria a ideia, interrogava-a acerca do meu pai, mas a minha curiosidade não era premente. Talvez se eu tivesse insistido, ela houvesse sido mais explícita – mas qual era a necessidade? O espaço vivo em torno do avental dela era suficiente. Havia rapazes que conheciam os seus pais, tal como havia rapazes que usavam habitualmente botas. Havia brinquedos reluzentes, automóveis, lugares onde as pessoas comiam com graciosidade; estes quadros na minha parede, porém, esta exterioridade distante, equivaliam a um mundo marciano. Um pai verdadeiro teria sido um suplemento impensável. Por isso, as minhas perguntas eram enunciadas à tarde, antes que o «Sun» abrisse,

muito mais para a noite, quando já fechara outra vez e a minha mãe estava branda. Eu podia ter pedido uma história com a mesma indiferença e ter acreditado nela com a mesma parcimónia.

– O meu pai era o quê, Mãe?

Da nossa indiferença partilhada pelos meros factos físicos surgiam respostas que variavam consoante os devaneios correntes dela. Estes sofriam as influências do «Sun» e das histórias vacilantes do Regal. Eu sabia que se tratava de fantasias e aceitava-as como tal, pois também eu fantasiava. Só a mais glacial das atitudes para com a verdade as teria condenado como mentiras, embora, por uma ou duas vezes, a consciência moral rudimentar da minha mãe a tivesse levado a negá-las quase de seguida. O resultado era que, por vezes, o meu pai era um militar, um homem adorável, um oficial. Suspeito, contudo, que a minha mãe já havia ultrapassado a fase oficial e cavalheiro quando fui concebido. Certa noite, quando ela regressou do Regal e de filmes de navios a serem bombardeados ao largo das costas da América, ele estava na Royal Air Force. Mais tarde na nossa vida conjunta – e o que estaria a celebrar-se dessa vez? Que cavalos empinados, elmos emplumados e multidões atroadoras? –, mais tarde, ele não era outro senão o Príncipe de Gales.

Para mim, esta era uma novidade tão tremenda que – apesar de ser evidente que não acreditei nela – o brilho encarnado por trás da grelha do fogão se conservou na minha retina como imagem consequente. Nenhum de nós acreditava naquilo, mas o mito resplandecente surgia no meio do chão sujo e foi aceite com gratidão como estando para lá dos meus tímidos esforços de invenção. No entanto, quase imediatamente antes de ela ter atirado com aquela coisa, estava preparada para não a largar. A história era avassaladora, ou talvez a fantasia fosse demasiado privada para ser partilhada. Vi os olhos fugirem-lhe na incandescência, a débil cor de pergaminho do rosto iluminado dela alterar-se. Fungou, coçou o nariz, deixou escorregar uma ou duas lágrimas fáceis de *gin* e falou para o fogão, onde bem podia ter havido mais lume:

– Sabes que eu sou uma estúpida mentirosa, não sabes, querido?

Sim. Eu sabia, sem a condenar, mas ainda assim fiquei desapontado. Senti que o Natal se esvaía e já não havia mais ouropel. Reconheci que devíamos regressar ao companheiro fictício da minha mãe. O Príncipe de Gales, um militar, um aviador – as prostitutas, porém, costumam afirmar

que são filhas de religiosos. E, apesar de todo o esplendor da vida na corte, a Igreja triunfou.

– O meu pai era o quê, Mãe?

– Um padre. Estou sempre a dizer-te.

No conjunto, aquilo foi também a minha âncora. Nada haveria de comum entre nós a não ser a nossa desunião, contudo, pelo menos devíamos reconhecê-la: e eu ficaria a conhecer por trás do outro rosto o tédio, o demónio, o desespero, as percepções distorcidas e sem esperança, a conformarem-se a cada momento com uma crença até ficarem deformadas como pés de chinesa. Nos meus momentos mais amargos julguei-me desse modo ligado às boas obras. Nessas alturas, gosto de pensar que o meu pai não estava a fazer qualquer coisa para a qual tivesse uma desculpa ou sentisse indiferença moral. A minha auto-estima preferia que ele tivesse lutado desesperadamente com a carne. Tradicionalmente, os soldados amam-nas e abandonam-nas; o clero, porém, seja abstémio ou celibatário, os pastores, ministros e padres... eu devia ser uma antiga angústia, em tempos julgada já redimida, mas agora totalmente notória. Eu devia rebentar nalgum presbitério, residência paroquial ou algum lugar do género, devia rebentar como um abcesso negligenciado. Eles são homens como eu, familiarizados com o pecado. Haveria ali algo que me dissesse respeito.

Pergunto-me em que ramo. Há apenas um ou dois dias, segui por uma rua lateral, passei diante das várias capelas, pelo oratório, virei a esquina junto da antiga igreja e segui até à ampla reitoria. A que denominação devo atribuir o meu parente fictício? À Igreja de Inglaterra, à igreja do curador? Não seria o meu pai primeiro um cavalheiro e sacerdote, só em segundo lugar um amator como eu? Até mesmo os frades andam por aí de calças visíveis por baixo do seu hábito de bom corte. Lembram-me os druidas em Brown Willie, ou noutro lado qualquer, que chegam de automóvel e com óculos. Deverei escolher um católico romano para pai? Aí está uma igreja profissional até quando se detestam as suas entranhas. Poderia um bastardo puxar um deles pelo coração ao mesmo tempo que pela manga? Quanto às fileiras dos que se separaram da Igreja Anglicana, tão desoladoramente conformados, os bisonhos, os grupelhos, os retábulos, os tabernáculos e os templos... sou como a minha mãe: indiferente. Seria a mesma coisa se ele fosse um membro dos Odd Fellows ou dos Elks.

– O meu pai era o quê, Mãe?

Minto. Iludo-me a mim mesmo como ao leitor. O mundo deles é o meu, o mundo do pecado e da redenção, de ostentações e condenação, de amor na lama. Vós ocupai-vos quotidianamente com o próprio sangue da minha vida. Sou um de vós, um homem perturbado – perturbado pelo quê ou por quem? E este é o meu grito; que caminhei entre vós com liberdade intelectual e vós nunca tentastes desviar-me dela, visto que um século vos arrastou para ela e vós acreditais no jogo honesto, em não presumir, em não ser, no fim de contas, um santo. Concedestes liberdade àqueles que não podem usufruir dela e deixastes a poeira e a imundície agarrar-se à jóia. Falo a vossa linguagem escondida que não é a linguagem dos outros homens. Sou vosso irmão em ambos os sentidos e, visto que a liberdade foi a minha maldição, arremesso-vos a imundície como se estivesse a tocar numa ferida que não trará consequências fatais.

– O meu pai era o quê, Mãe?

Fazer com que ele nunca saiba. Eu próprio estou familiarizado com o cálido latejar e tenho pouca consideração pela paternidade física em comparação com o crescimento lento que se segue. Nós não somos donos das crianças. O meu pai não era um homem. Era uma partícula com forma de girino, invisível a olho nu. Não tinha cabeça nem coração. Era tão especializado e desalmado como um míssil teleguiado.

A minha mãe nunca foi profissional, tal como eu não o sou agora. Tal mãe, tal filho. Somos amadores do coração. A minha mãe não tinha aptidão para negócios nem o desejo de fazer carreira e obter sucesso. Nem tão-pouco era imoral, pois isso implica uma espécie qualquer de modelo do qual pudesse decair. Estaria a minha mãe acima da moral, abaixo dela ou fora dela? Hoje seria classificada como uma subnormal e ser-lhe-ia dada a protecção que não desejava. Naqueles dias, se ela não se tivesse envolvido a si mesma naquela indiferença impenetrável, teria sido chamada simples. Apostava quantias pequenas, mas vitais, em cavalos no «Sun», bebia e frequentava o cinema. Quanto a trabalho, aceitava o que houvesse disponível. Trabalhava a dias, colhíamos lúpulo, lavava, esfregava e encerava rudimentarmente edifícios públicos que fossem fáceis de alcançar da nossa ruela. Ela não tinha ligações sexuais, pois isso implica uma relação asséptica, um aperfeiçoamento sem afecto nem alegria do prazer, com a perspectiva da concepção inibida pelo carapuço de borracha do quarto de banho. Ela não fazia amor, pois tenho isso como sendo uma

tentativa apaixonada de confirmar que o muro que os separava desmoronara. Ela não fazia nada dessas coisas. Se fizesse, ter-mo-ia dito nos seus monólogos indistintos e desconexos, com as suas prolongadas pausas e a sua aceitação de que estamos inelutavelmente aqui. Não. Ela era uma criatura. Partilhava o prazer à sua volta como o seio húmido de uma ama, absorta, a rir e a suspirar. A sua relação casual deve ter sido para ela como aquilo que para um verdadeiro artista são as suas obras em si mesmas, e nada mais. Não tiveram implicações. Eram encontros em ruas de traseiras ou nos campos, em cabanas ou junto dos pilares dos portões. Foram como a maior parte do sexo humano ao longo da história, uma coisa natural sem o benefício da psicologia, do romance ou da religião.

A minha mãe era enorme. Deve ter sido uma rapariga roliça na juventude, mas o apetite e um bebé expandiram-na em mulher elefantina. Deduzo que em tempos foi atraente, pois os seus olhos, encovados num rosto inchado como um bolo, eram ainda grandes e suaves. Havia neles um brilho que devia irradiar de todo o seu corpo quando era nova. Algumas mulheres não conseguem dizer «não». A minha mãe, contudo, era mais do que essas simples criaturas; de outro modo, como poderia ela preencher desta maneira o túnel retrospectivo? Nos últimos meses, tenho tentado capturá-la em duas mãos-cheias de barro – não a sua aparência, mas mais precisamente a minha percepção da sua enormidade e realidade, a sua factual obstrução do campo visual. Para lá dela nada existe, nada. Ela é a cálida escuridão entre mim e a luz fria. Ela é o fim do túnel, ela.

E agora algo está a acontecer na minha cabeça. Deixem-me capturar a imagem antes que a percepção se desvaneça. A minha mãe espraia-se tal como eu a recordo, esborrata-se para fora da sala e da casa, a sua larga cintura expande-se, está sentada na sua certeza e indiferença com mais firmeza do que num trono. Ela é a inquestionável, a que não é boa, não é má, não é afável, não é amarga. Assoma ao fundo a passagem que eu abri no tempo.

Aterroriza, mas não assusta.

Negligencia, mas não se perverte nem abusa.

É violenta sem rancor ou crueldade.

É adulta sem superioridade ou condescendência. É calorosa sem possessividade.

Acima de tudo, porém, ela está ali.

Portanto, claro que só a posso recordar no barro, a terra comum, o solo, não posso espetar as elegantes cores comerciais numa tela estendida e representá-la, nem delinear a com palavras que são dez mil anos mais novas do que a escuridão e o calor dela. Como se pode descrever uma idade, um mundo, uma dimensão? No que respeita à comunicação, há apenas as coisas que a rodeavam para serem reconstituídas e exibidas com a lacuna que era a minha mãe, a existir silenciosamente no meio. Repesco a memória de uma peça de material que é cinzento com um matiz amarelado. Um canto está puído – ou, julgo agora, apodrecido –, a formar uma franja, uma franja húmida. O resto está ancorado algures lá em cima na minha mãe e eu balanço ali agarrado, dedos bem fincados, tropeçando por vezes, outras afastado rispidamente, sem que seja dita uma palavra, por uma enorme mão que cai lá de cima. Parece-me recordar a busca daquele canto do seu avental e o prazer de o reencontrar.

Nessa altura devíamos estar a viver em Rotten Row², pois algumas direcções surgiam já tão definidas como os pontos de uma bússola. O nosso buraco ficava para lá de uns tijolos em ruína e de um arroio, estendendo-se de uma porta de madeira até um banco comprido de pau. Haveria uma atmosfera de «lá em cima» por todo o nosso aposento, apesar de não se tratar certamente de um quarto alugado? Talvez naquela altura estivéssemos um pouco mais prósperos, ou talvez o *gin* fosse mais barato, tal como os cigarros. Tínhamos uma cómoda como guarda-louça e a grelha do fogão estava rodeada de pequenos nichos de ferro, portinholas e coisas que se puxavam para fora. A minha mãe nunca os usava, mas somente a pequena boca de fogo ao meio, com o quente disco metálico que servia de tampa. Também tínhamos um tapete, uma cadeira, uma pequena mesa circular e uma cama. O meu lado da cama ficava mais próximo da porta e quando a minha mãe se deitava do outro, eu escorregava. Todas as casas da nossa rua, com uma excepção, eram iguais, e a viela pavimentada a tijoleira, com a valeta a correr pelo meio, estendia-se diante delas. Havia crianças de todas as estaturas naquele mundo, rapazes que me pisavam ou me davam guloseimas, raparigas que me agarravam quando eu já gatinhara para demasiado longe e me traziam de volta. Devíamos andar muito sujeitos. Posuo uma sensibilidade excelente e bem treinada às cores e

² Rua da Podridão, numa tradução livre. (*N. do T.*)

a minha recordação daqueles rostos humanos não é tanto constituída por dominantes rosados e brancos, mas antes cinzentos e castanhos. O rosto da minha mãe, o pescoço, os braços – tudo o que dela se via – era castanho e cinzento. O avental que visualizo com tanta clareza, percebo agora que estava completamente imundo. A mim mesmo não me consigo ver. Não havia qualquer espelho ao meu alcance e, se a minha mãe alguma vez teve um, já desaparecera quando me tornei um rapaz com consciência. O que poderia haver num espelho para prender a atenção da minha mãe? Lembro-me de roupa lavada ao vento em fios de arame, de saponárias, lembro-me dos padrões erráticos que deviam ser sujidade nas paredes, mas, tal como a minha mãe, eu sou um ponto neutro de observação, uma lacuna no meio. Eu gatinhava e andava aos tombos no mundo acanhado de Rotten Row, vazio como uma bolha de sabão, mas com um arco-íris de cor e excitação em meu redor. Nós, crianças, andávamos subalimentadas e escassamente vestidas. Comecei por ir à escola de pés descalços. Éramos barulhentos, gritadores, lacrimosos, animais. E contudo, recordo-me daquele tempo como se tivesse as centelhas, o esplendor e o calor de uma festa de Natal. Nunca desgostei da sujidade. Para mim, a porcelana e o crómio, as loções, os desodorizantes, todo o complexo da limpeza – ou seja, todo o sabão e toda a higiene – é desumano e incompreensível. Antes desta dádiva gratuita de um universo, o homem é uma constante. Sente-se de algum modo que, quando emergíamos da nossa pequena pocilga e éramos lavados, a felicidade e a segurança da vida iam com a água do banho.

Conservo no espírito duas espécies de imagens do nosso miserável bairro. As mais antigas correspondem a interiores, pois consigo lembrar-me de um tempo em que para mim não existia nenhum outro mundo. A passagem pavimentada a tijoleira e o escoadouro ao meio estendiam-se entre a fileira de casas e a fileira de quintais, cada um com o seu lodaçal. No extremo à nossa esquerda havia um portão de madeira; no oposto, uma saída para outra rua que eu não visitava. Nesse mesmo extremo, o «Sun» era um velho e intrincado edifício, com a porta das traseiras a dar para a viela. Era ali o centro da vida adulta e a última casa da fileira prolongava-se para lá da passagem e justapunha-se ao *pub* sobranceiro, pelo que gozava de uma posição de alguma eminência e vantagem. Quando eu já tinha idade suficiente para reparar nessas coisas, erguia os olhos, tal como toda a gente da nossa viela, para a boa senhora que ali vivia. Ela

tinha dois quartos no andar de cima, paredes meias com o *pub*, recebia pessoas bem parecidas e tinha cortinas. Se vos descrever mais da nossa geografia e nos localizar no esquema geral das coisas, estarei a trair as minhas memórias, pois começo por me recordar da viela como um mundo, limitado pelo portão de madeira de um lado e a saída rectangular, mas proibida, para a estrada principal, do outro. A chuva e o sol desciam sobre nós entre camisas a bater ao vento ou apenas suspensas na imobilidade. Existiam mastros com ganchos e uma variedade de mecanismos simples para içar a roupa lavada para onde interceptasse o vento. Viam-se por lá gatos e o que a mim me parecia magotes de gente. Recordo-me da senhora Donavan, na casa ao lado, com um aspecto atrofiado, e da minha mãe, que não o era nada. Recordo-me do espalhafato das vozes delas, fortemente puxadas da garganta, com as cabeças projectadas para a frente quando as mulheres brigavam. Recordo-me do final forçado de uma discussão, com ambas as mulheres a afastarem-se uma da outra, lentamente e de lado, naquele caso nenhuma vitoriosa, cada uma delas reduzida a monossílabos carregados de ameaças vagas, indignação e ressentimento.

– Então!

– Pois!

– Pois!

– Ah...!

Conservei este episódio por me ter intrigado que a minha mãe não tenha levado a melhor. Normalmente, era isso que acontecia. A mirrada senhora Donavan, com as suas três filhas e muitos sarilhos, não tinha envergadura para a minha mãe em nenhum sentido. Houve um momento de grandeza apocalíptica em que a minha mãe não só venceu, mas triunfou realmente. A voz dela parecia ressaltar no céu num trovão metálico. Vale a pena reconstruir a cena.

Frente a cada uma das casas, do lado oposto da passagem de tijoleira com o escoadouro ao meio, havia um cubículo com paredes de tijolo e uma porta. As paredes tinham cerca de um metro de altura. Do lado esquerdo de cada cubículo havia um cano vertical e por trás dele, no fundo do compartimento, ficava uma latrina fechada por uma porta de madeira com uma espécie de gradeamento de madeira. Aberta a porta por meio de uma tabuinha que servia de tranca, ficava-se perante um caixote de madeira a toda a largura, entre as paredes, com um orifício

redondo e desgastado pelo uso no tampo. Havia um monte de jornais pousados sobre o caixote, ou toda uma folha amarrotada no chão molhado. Por baixo da fileira de caixotes corria lentamente algum rio obscuro e subterrâneo. Se se fechasse a porta e se descesse a tranca por meio de um bocado de fio que pendia do lado de dentro, podia gozar-se de privacidade, até mesmo em Rotten Row. Se alguém da nossa casa entrasse no cubículo – alguém que podíamos ver através do gradeamento – e erguesse a mão para a tranca, não nos movíamos, mas gritávamos, evitando pudicamente nomes ou palavras identificadoras para que a mão voltasse a descer. É que nós tínhamos as nossas normas. Havíamos feito progressos desde o Éden – pelo menos se o visitante fosse da nossa própria casa. Se, pelo contrário, fosse alguém a vaguear pela viela que cometesse o erro, podia ser-se tão explícito quanto se quisesse, ser-se licenciosamente rabelaisiano, propor novas combinações dos nossos complexos padrões de vida para incluir o visitante, até que nas soleiras das portas se ouvissem risos a bandeiras despregadas e todos os fedelhos que andassem pela valeta gritassem também e dançassem.

Havia, porém, exceções. Nos anos 20, o progresso abraçara-nos e acrescentara uma superstição moderna às restantes, pelo que então acreditávamos firmemente numa lenda acerca de retretes. Rotten Row sofria por vezes mais do que uma constipação.

Deve ter sido num dia de Abril. Que outro mês poderia ter-me deixado uma tal impressão de azul e branco, de sol e vento? As roupas estendidas arrepiavam-se da horizontal, as nuvens esculpidas de forma cortante apressavam-se, o sol produzia salpicos de luz na água das saponárias na valeta, a tijoleira do pavimento brilhava com vestígios da chuva. Era o tipo de vento que provoca dores de cabeça aos crescidos e uma alegria frenética nas crianças. Era um dia de gritos e brigas, um dia inflamado e insuportável, sem emoções e aventura. Algo tinha que acontecer.

Eu estava a brincar com uma caixa de fósforos na valeta. Era ainda tão pequeno que a posição de agachado me era natural, mas o vento por vezes dava-me tal sacudidela que eu passava tanto tempo caído na água das saponárias como fora dela. Uma das sarjetas estava entupida, pelo que a água se espalhava pelos tijolos do chão e formava um oceano propício. Todavia, a minha principal e apocalíptica memória não se espria no tempo, correspondendo antes a um instante. A Maggie, da senhora

Donavan, que cheirava tão bem e se exibia por ali de joelhos sedosos, recuou frente à entrada do nosso cubículo de tijolos. Retirara-se com tal velocidade e amplitude que um dos saltos altos pisara o meu oceano. Foi apanhada no gesto de se afastar, com os braços levantados para se equilibrar. Não me recordo da expressão dela – estava hipnotizado noutra direcção. A pobre senhora Donavan, encantadora e atrofiada criatura, espreitou da sua própria latrina com o semblante de alguém que foi injustamente apanhado – alguém que tudo poderia explicar, se lhe fosse dado tempo, mas que sabe, naquele instante tremendo, que o tempo não lhe será concedido. E da nossa latrina, da nossa própria latrina privada, com o seu assento morno e pessoal, surge a minha mãe.

Irrompera violentamente, pois a porta batera estrondosamente contra a parede e os suportes da tranca quebraram-se. A minha mãe encara a Maggie, com um pé à frente do outro, pois saíra de lado do estreito cubículo. Tem os joelhos flectidos e está curvada numa posição de terrível ameaça. Tem as saias enrodilhadas à volta da cintura e agarra os seus enormes culotes cinzentos com duas mãos roxas, logo acima dos joelhos. Vejo a voz dela, uma forma agreste em tons escarlate e bronze, estilhaçar-se no ar até ficar ali suspensa sob o céu, um acto de conquista e terror.

– Puta d'um raio! Guarda as tuas palmadas pr'ós teus bastardos!

Não tenho qualquer recordação de glória à altura dessa em Rotten Row. Até mesmo quando os gémeos Fred e Joe, que negociavam ilicitamente sucata no outro extremo da viela, próximo do portão de madeira, foram capturados por dois agentes da polícia com aspecto de girafas, o drama degenerou em derrota. Vimos um dos chuis aproximar-se da viela e resmungámos, não sabendo eu porquê. Vimos Fred e Joe saírem a correr de casa e precipitarem-se pelo portão de madeira; claro que o segundo chui estava à espera do outro lado. Esbarraram directamente com ele e, sendo homenzinhos, foram facilmente agarrados um em cada mão. Levaram-nos através da viela, algemados entre os dois pilares de azul-escuro com capacetes de espigões prateados, até à carrinha que os aguardava. Gritámos, vociferámos e fizemos o estúpido som de rasgar que era o equivalente de uma vaia em Rotten Row. Fred e Joe estavam pálidos, mas altivos. Os chuis vieram, agarraram, foram, tão imparáveis quanto o nascimento e a morte, os três casos em que Rotten Row aceitava a derrota incondicional. Quer viesse mais uma boca, ou a carrinha da polícia, ou a carreta comprida que estacionava

ao fundo da passagem, era indiferente. Uma espécie de mão lançava-se sobre a Row para tomar o que quisesse e ninguém podia detê-la.

Éramos um mundo dentro de um mundo, e tornei-me homem antes de levar a cabo a revolução intelectual de nos ver como um bairro sórdido. Apesar de a nossa rua apenas medir quarenta metros e de os campos nos envolverem, éramos um bairro miserável. A maioria das pessoas pensa nestes bairros como quilómetros de esterco no East End de Londres, ou como os pardieiros atamancados de Black Country. Nós, porém, vivíamos exactamente no Jardim de Inglaterra e os campos de lúpulo resplandeciam à nossa volta. Apesar de, de um lado, existirem moradias de tijolo, escolas, armazéns, lojas e igrejas, do outro existiam aromáticos vales ao longo dos quais eu seguia a minha mãe para apanharmos os botões viscosos. Isso, porém, leva-me para fora de nossa casa e eu ainda quero demorar-me por lá mais uns momentos. Voltarei a pôr no lugar os postais ilustrados com homens a dançar iluminados pelo fogo e desaparecerei furtivamente por baixo da coberta. É verdade que havia grandes fogueiras, rios de cerveja, cantorias, ciganos e um *pub* secretamente instalado entre árvores, com o seu telhado de colmo como se fosse um chapéu de palha puxado para a frente dos olhos. O nosso sórdido bairro, porém, era o ponto de regresso. Também nós tínhamos um *pub*. Éramos um amontoado de gente. Agora que estou cá fora no mundo frio, longe da minha vergonha perante o céu, descubro com surpresa que muita gente faz tudo o que for preciso só para se lançar no meio de uma multidão. Talvez nessa altura eu não fosse iludido e tivéssemos qualquer coisa. Éramos uma proposta humana, um modo de vida, uma entidade.

Estávamos centrados no *pub*. Havia um corrúpio constante através da porta castanha empolada, com os seus dois painéis de vidro opaco. A maçaneta de latão estava gasta de forma desigual e brilhava do uso. Suponho que estavam afixadas licenças de abertura e horários de interdição, mas nunca reparei neles. Eu via a porta do nível do chão e na minha memória é descomunal. Lá dentro, o chão era de tijoleira, havia alguns bancos compridos com encosto e dois tamboretas junto a um balcão, no canto. Era este o confortável refúgio: um lugar caloroso, barulhento, misterioso e para adultos. Mais tarde, ia lá quando precisava urgentemente da minha mãe; e nunca ninguém me disse que era ilegal eu entrar ali. Fui lá a primeira vez por causa do nosso hóspede.

O nosso hóspede ocupava o nosso andar de cima, usava o nosso fogão, a nossa torneira e a nossa latrina. Suponho que ele era a tragédia acerca da qual tantos sociólogos e economistas escreveram tantos livros nos séculos XIX e XX. Consigo reconstituí-lo facilmente no meu espírito. Para começar, era atarracado, até do meu ponto de vista rasteiro. Julgo que ele deve ter sido, por assim dizer, o refugo de um artífice, pois era asseado e, num certo sentido, distinto. Um canalizador? Um carpinteiro? Era, porém, muito velho – sempre o fora, pois como se podia imaginá-lo como qualquer outra coisa? Era um esqueleto minúsculo, agregado pela pele e por um lustroso fato azul. Usava um cachecol castanho aconchegado no interior do fato; não consigo, contudo, lembrar-me das botas – talvez porque erguia sempre a cabeça para olhar para ele. Tinha umas mãos interessantes, com um intrincado de protuberâncias, veias e manchas castanhas. Trazia sempre um chapéu mole, quer estivesse sentado junto à janela do andar de cima, a arrastar os pés pela viela fora ou a dirigir-se para a latrina, ou ainda sentado ao balcão no «Sun». Uma coisa notável nele era o seu bigode, virado para baixo e a aparentar uma textura e brancura das penas dos cisnes. Cobria-lhe a boca e era muito bonito. Mas mais notável ainda era a sua respiração, acelerada como a de um pássaro e ruidosa, para dentro, para fora, para dentro, para fora, continuamente, tique, tique, tique, delicada como um relógio e com o mesmo sentido de urgência e sem tempo a perder, sem tempo para mais nada. A encimar o bigode, por baixo de sobranceiras pendentes que flanqueavam o nariz pontiagudo, os olhos dele espreitavam, preocupados e amedrontados. Parecia-me sempre que ele estava a olhar para algo que não estava ali, algo de um interesse profundo e ansioso. Tique, tique, tique, sempre, sempre. Ninguém se interessava. Eu não, a minha mãe também não; e ele era o nosso hóspede, suspenso na beata da sua vida. Quando à noite eu ia dormir, ou quando despertava de manhã, ouvia-o lá em cima, através do soalho sem caixa, tique, tique, tique. Se se lhe fizesse uma pergunta, ele respondia como um homem que tivesse acabado de correr uma milha em quatro minutos, com arquejos, sopros e respiração entrecortada, com uma necessidade aterrorizada de permanecer vivo, como um homem a ressuscitar pela terceira vez, para dentro, para fora, para dentro, para fora, para dentro, para fora. Eu interrogava-o enquanto ele estava sentado com os olhos a trespassar o fogão. Eu queria saber. Ele resfolegava a resposta de chapa –